

CONSERVANTISMO E INOVAÇÃO NA LINGUAGEM DO ESTADO DO ACRE

LUÍSA GALVÃO LESSA KARLBERG

(Professora Visitante Nacional Sênior – CAPES/UFAC)

1- INTRODUÇÃO

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal - seu idioleto - mas também filiá-lo a um determinado grupo. A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem: **a)** o país ou a região de onde se origina; **b)** o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução, sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional); **c)** a situação (formal ou informal) em que se encontra.

Em verdade, uma língua histórica, de cultura - como a língua portuguesa - é um diassistema, isto é, um super-sistema (conjunto de sistemas e subsistemas) que apresenta enorme complexidade, o que torna, por sua vez, complexo o trabalho dos que se dedicam a analisá-la global ou parcialmente. E a consciência dessa variação não é recente. Já os gregos - de quem proveio a noção de dialeto - distinguiram quatro variantes regionais de sua língua - o eólico, o jônico, o dórico e o ático. E, a partir do século IV a.C., adotaram, com base neste último, a koiné dialektos, ou "língua comum", como meio de intercomunicação. Também entre os romanos - cuja sociedade era extremamente estratificada - encontram-se menções à variabilidade de natureza social. A linguagem corrente - como testemunham alguns escritos latinos - recebia subclassificações, como *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo rusticus*.

O estudo sistemático das variações - sobretudo as de natureza geográfica - só veio a formalizar-se no século XIX, época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas por idéias positivistas, se desenvolviam segundo métodos histórico-comparativos.

Foi na França que a Dialectologia ganhou vulto e, em 1881, passou a fazer parte do currículo regular da École Pratique des Hautes Études, de Paris. Impulsinou-a não apenas o ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares), mas, principalmente, o já referido interesse pela evolução histórica das formas lingüísticas.

Julles Gillieron, pioneiro na elaboração de um Atlas lingüístico, levou quinze anos amadurecendo idéias por meio dos resultados que obtinha em pesquisas realizadas em diversas localidades francesas e que serviam, muitas vezes, de tema a suas aulas na École des Hautes Études. Esse verdadeiro trabalho de laboratório levou-o a compreender o apelo de Gaston Paris - seu antigo mestre - e a planejar aquilo que de-

nominaria de "modesto esboço" da realidade dialetal da França. Esse trabalho germinou muitos outros que vieram a seguir e os resultados ganharam o mundo que passou a descobrir a importância dos trabalhos dos Atlas Lingüísticos.

Precioso inventário de formas, o atlas proporciona uma visão dinâmica de cada fato descrito, pela comparação simultânea com outros nele expostos, ensejando conclusões também de natureza histórica. Foi assim que Gilliéron deixou claro o princípio da unidade na variedade, indicando que "o segredo da língua está encerrado no falar" - os elementos individuais originando normas que se expandem ou isolam.

Compreende-se ser a linguagem um motor que move o ser humano no curso da vida, fotografando-o em todos os momentos. Nesse sentido, descrever a linguagem de determinada comunidade é assegurar, à posteridade, dados que se poderiam perder no tempo à medida que o ser humano muda de hábitos e entra em contato com novas culturas.

Nesse sentido, a pesquisa *Conservantismo e Inovação na Linguagem do Estado do Acre* traz um levantamento do cotidiano do seringueiro acreano, por meio da descrição de palavras, constituindo um relato da vida e da cultura do lugar, tendo como objetivo proceder um levantamento de natureza lexical da linguagem falada na região. É um estudo que vai somar-se a outro maior, do qual ele é parte integrante: o Atlas Etnolingüístico do Acre - ALAC.

Utilizando-se do acervo do Projeto CEDAC, um corpus pertencente a Professora Doutora Luísa Galvão Lessa, fez-se uso de 18 inquéritos que foram divididos de acordo com cada Zona de Pesquisa, constando seis para cada Área pesquisada, sendo dois para cada Zona, obedecendo à divisão proposta pelo ALAC: Vale do Acre - Plácido de Castro (PC), Rio Branco (RB), e Xapuri (XA); Vale do Juruá - Cruzeiro do Sul (CS), Feijó (FE), e Tarauacá (TA); Vale do Purus - Sena Madureira (SM), Manuel Urbano (MU) e Assis Brasil (AB). As faixas etárias são: A (16 a 25 anos) e C (36 a 80 anos) e os informantes selecionados foram de ambos os sexos. A investigação possibilitou a elaboração de um glossário intitulado: *Conservantismo e Inovação na Linguagem do Estado do Acre*, composto por cerca de 250 lexias, classificadas morfológicamente e apresentando o contexto no qual as palavras estão inseridas.

Faz-se, ainda, um levantamento das lexias e das formas de linguagem que demonstram a unidade e a diversidade, o conservantismo e a inovação da linguagem de uma população que faz parte da cultura e da história acreana. Na oportunidade, apresenta-se um retrato do comportamento do homem seringueiro e, por ventura, das mudanças presentes em seu meio social, ratificando, assim, o conceito de língua de Gladstone (1981, p. 28) que diz, "*as línguas são fatos humanos, e portanto, participam da variedade e da instabilidade do homem e das sociedades*".

Enfim, este trabalho é uma contribuição ao Atlas Etnolingüístico do Acre - ALAC, que busca traduzir a riqueza lexical presente na linguagem falada no Norte do Brasil e objetivando, ainda, fornecer uma visão da vida, da cultura e do léxico das pessoas da região, como forma de descrever e registrar a expressividade regional, por

meio da descrição das palavras. Acredita-se que este trabalho serve não apenas de contribuição ao ALAC, mas, também, como subsídio para os estudiosos da língua, de uma maneira geral, por sua inesgotável fonte de pesquisa. Sabe-se, também, que apesar de sua importância, é apenas uma parte dentro das várias dimensões de estudos e pesquisas oferecidas pela língua.

Da análise empreendida, constata-se uma estreita relação entre o léxico, o ser humano e o meio em que vive, tendo em vista o vocabulário do mesmo está diretamente relacionado ao seu modo de vida simples, porém extremamente válido em decorrência das inúmeras experiências adquiridas no seu cotidiano. Estando, portanto, constituído um campo vasto à pesquisa dialetal e a outras ciências que tenham por escopo o ser humano e a linguagem.

A pesquisa procurou representar, em mapas, a unidade e a diversidade conservação e inovação lingüística e elaborar as cartas léxicas, mapas, tabelas e assim contribuir com a feitura do Atlas Etnolingüístico do Acre – ALAC.

Assim é que em uma pesquisa dessa natureza torna-se indispensável para o estudo de ciências como a Dialectologia (que tem como finalidade geral o estudo das falas), Lexicologia (que se ocupa da etimologia das palavras e das várias acepções delas), Lexicografia (ciência das palavras que deve constituir um léxico), Lingüística (o estudo da língua), Geografia Lingüística (método dialetológico e comparativo...), Sociolingüística (relação entre língua e sociedade), e Semântica (significado das palavras). Ciências essas cujas relações interdisciplinares dão o suporte teórico para comprovar, por meio de pesquisa, que as descrições dialetais são instrumentos de análise para a realidade lingüística.

2- MATERIAIS E MÉTODOS

Segue-se, neste feito, as trilhas da Dialectologia Social, com o método *dialectológico e comparativo*. Ele pressupõe o registro, em mapas especiais, de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas, mediante pesquisa direta e unitária, numa rede de pontos do Estado do Acre, demarcada por Lessa (1989), para a coleta de dados à elaboração do Atlas Etnolingüístico do Acre □ ALAC. E, para o propósito do Atlas, dividiu o Estado em três regiões: Área do Acre, Juruá e Purus.

Na feitura deste trabalho, um contributo à tarefa do ALAC, trabalhou-se com 18 inquéritos, sendo seis em cada região, denominada Área de Pesquisa. Cada Área possui três Zonas de Pesquisa e em cada uma delas tomaram-se dois informantes, um do sexo masculino e outro feminino, nas faixas-etárias A (15-25) e C (36-80).

O *corpus* desta pesquisa está constituído pelos inquéritos: RB067AM, RB-018CF, PC033CM, PC006AF, XA040CM, XA167AF, FE101AM, FE093CF, CS108AM, CS113CF, TA190AM, TA094CF, SM121AF, SM119CM, AB145AM, AB136CF, MU159AM, MU151CF. Todos pertencentes ao acervo do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC.

De outra parte, com os dados obtidos do léxico estudado, foi possível fazer análise da linguagem da atividade do látex, envolvendo a comunidade seringueira da região, naquilo que diz respeito ao trabalho, à estrada de seringa, ao período de corte, à plantação, à alimentação, à saúde, às lendas, às credences, aos costumes, à moradia, dispondo esse levantamento lexical por campos semânticos, seguindo a divisão proposta por Othon M. Garcia (1989) e tão bem especificada por S. Ullmann (1987).

Na elaboração dos verbetes, seguem-se as trilhas da Lexicologia e Lexicografia, amparada nos estudos empreendidos por Lessa (1985,1996,2002, 2003).

Nos critérios de unidade e diversidade, conservantismo e inovação, criou-se um critério específico, considerando na unidade e diversidade a ocorrência de acordo com as Áreas de Pesquisa, sendo unidade todas as lexias comuns em três ou pelo menos dois dos três Vales (Acre, Juruá e Purus) e que constituem um todo uniforme, considerando, portanto, diversidade as lexias encontradas em apenas um Vale que tornam-se alheias aos outros.

No que refere-se ao conservantismo e inovação, levou-se em consideração as faixas-etárias, em que rotula-se conservantismo todas as lexias faladas por informantes das faixas-etárias A (15-25 anos) e C (36-80 anos) ou apenas C, por tornar, assim, preservadas as lexias, considerando, portanto, inovação as lexias apresentadas apenas pela faixa-etária A.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cunha (1986, p.200), em artigo intitulado *Conservação e inovação no português do Brasil*, analisa especificamente a tese de 1950, sobretudo a parte relativa ao suposto caráter **conservador** do português do Brasil. As suas conclusões, no entanto, divergem das de Serafim da Silva Neto. Sobre o problema da **unidade**, afirma, taxativamente:

o mito da unidade da língua popular está sendo progressivamente desmentido pelos atlas lingüísticos que se vão publicando. Ao contrário, o que eles começam a ensinar-nos é que a característica fundamental dos falares brasileiros reside no seu caráter vacilante, no seu acentuado polimorfismo.

O estudo Conservantismo e Inovação na Linguagem do Estado do Acre está assentado na tese de Lessa (1996), fato que propiciou um maior conhecimento da linguagem da comunidade seringueira que habita as regiões do Estado do Acre, particularmente naquilo que diz respeito às variedades lingüísticas, tanto no plano lexical quanto fonético. Essas variedades decorrem de fatores: geográfico (variação diatópica); social (variação diastrática); cultural (variação diafásica).

Na análise comparativa dos dados, observou-se, no plano fonético, que a lexia <<fornalha>> sofreu alteração na consoante lateral, com informantes dos três Vales (Acre, Juruá e Purus) passando a pronúncia para <<fornaia>> ocasionando uma despalatalização, isto é, transformação de um fonema palatal em fonema vocálico oral,

conforme pode ser verificado no exemplo abaixo:

FORNALHA

na ... n'uNa *fornalha* que eles faze de barro num sabe

(FE093CF)

... aí toca fogo na *fornalha* ...

(RB018CF)

eles ... eles faiz a ... a fumacêra né ... aí tira os cavaco ... o côco ... aí põe no ... na fornalha e toca fogo ... aí põe leite na bacia ... aí começa a ... despejá assim um negóço assim ...

(SM121AF)

FORNAIA

encostado da borracha ... aí sai lavano dento e rodano e ... aí a fornaia acesa é só passano e lavano e ...

(TA190AM)

... a gente faiz uNa fornaia assim subino ... tipo um funil de barro ... aí toca fogo e bota pau verde dento ... dá aquela fumaça

(RB067AM)

pa defumá ... a gente faiz a fornaia né ...

(AB145AM:04)

Também se pode perceber a diferença fonética na lexia <<leite>>, pronunciada com a vogal anterior /i/ articulada pelos falantes nos três Vales, em determinadas Zonas de Pesquisa. Contudo, nas demais Zonas de Pesquisa, houve a supressão do fonema semivocálico, no vocábulo, desfazendo um ditongo, ocorrendo, assim, uma monotongação <<lête>>; constatando, também, que entre treze inquiridos em que houve a ocorrência da palavra <<leite>>, cinco falantes suprimiram a vogal /i/.

LEITE

que o *leite* já vem né ...

(FE093CF)

... mais um saco pra conduzir o *leite* ...

(PC033CM)

... nós chegarrá de tarde eu ía aquecê o *leite* ...

(AB136CF:04)

LÊTE

...porque quanto mais a gente tira *lête*...mais a gente faiz mais borracha né... gaNa mais.

(FE101AM)

... emendo com *lête* de seringa ...

(RB018CF)

joga *lête* pô cima

(TA190AM)

é ... o cara só tem lucro no ... com a borracha no período do verão porque

num perde o lête né

(AB145AM:08)

No que diz respeito às entidades e espíritos da floresta, notou-se que a palavra <<Caboquinho da Mata>> sofreu variação fonética. Pois nas seis ocorrências dessa lexia, os informantes pronunciaram a palavra com a consoante bilabial /m/ no final <<Caboquim da Mata>>, ocorrendo uma despatalização já que há a transformação do fonema palatal em fonema vocálico nasal.

CABOQUIM DA MATA

o *Caboquim da Mata* deve sê esse né ...

(FE093CF)

...nesse *Caboquim* que diz que tem né...que diz que é dono das caça num é...
que ouvi falá que tem

(FE101AM)

o Caboquim

(XA167AF)

o Caboquim

(TA190AM)

ele disse ... ele acharra que era o ... o Deus da Mata né ... o Caboquim da Mata

...

(SM121AF)

eu ôvi que inxiste mermo o Caboquim da Mata ... e diz que o caba num acreditano
ele vem e diz que faiz o cara ficá ... o Caboquim da Mata eu ôvi falá que ele faiz o
cara matá muita caça ... aí se num acreditá ele bate no cara também ... mais eu num
acredito nisso não ...

(MU159AM)

Outros exemplos de variação fonética podem ser exemplificados com a lexia <<malária>> que, nos três Vales (Acre, Juruá e Purus) pesquisados, sofreu três variações fonéticas, a saber: *malála*, *malára* e *malária*. Quanto a primeira variação, foi constatada que apenas um informante do Vale do Purus (SM119CM) articulou a consoante alveolar lateral /l/ no lugar da consoante alveolar /r/. Enquanto os dois informantes de Assis Brasil (AB139BM; AB136CF), não produziram o som da vogal anterior /i/. Comprovando a presença da isófono – que indica a área de abrangência de um determinado traço fonético na Zona de Assis Brasil <<malára>>. Constatando, assim, que a maioria dos informantes, oito (08) deles, produziu <<malária>> com MALÁLA.

#D

você adoeceu... é você adoecia de quê?

#L

é de malála

(SM119CM:15)

MALÁRA

não ... era difiço ... só quem adoecia lá mesmo mais era miNa mãe ... negócio de *malára* que dá muito ... em Vila do Abonã né

(PC006AF)

pa malara era só o chá daquele ... carrapicho águia

(AB136CF:17)

... a doença que tem assim é *malára* ...

(AB145AM:15)

MALÁRIA

chama *malária* né ... sezão que chama né

(CS108AM)

era ... só a *malária*

(PC006AF)

a consoante alveolar /r/ e com a vogal anterior /i/.

... eu tive só uNa filha ... que ela pegô *malária* ... mais ela fico boa com as pilha mermo

(TA094CF)

... justamente eu adoeci três vezes ... de *malária* sabe ...

(SM121AF)

cesão ... agora que dissero essa *malária* né

(MU151CF)

rapaiz agora é *malária*

(MU159AM)

Esses exemplos comprovam o que CALLOU & LEITE (1993, p.93) disseram, que “(...) Todas as variedades da linguagem estão sujeitas a mudanças e mesmo no dialeto rural mais isolado e conservador há elementos de diferenciação”.

Quanto às variações léxicas, verificou-se que, nas palavras relacionadas ao trabalho, houve inovação em *borracha de bola*, coalhar que acabou sendo substituído por <<coaiar>>, apresentando, dessa forma, não apenas uma inovação, mas, também uma variação fonética.

Mais um exemplo de diversidade lingüística pode ser comprovado com a palavra <<risco>> e <<traço>> que constituem dois significantes diferentes para um mesmo significado.

Verificou-se que sete informantes produziram o vocábulo <<risco>> em contraste com um informante do Vale do Acre (PC033CM) que pronunciaram a lexia <<traço>>

(...) os *risco*...sim... as arriação que nós chama

(FE101AM)

e de largura ... é palmo também ... um *risco*

(RB018CF)

é ... é *risco* mermo ... aí embute a tigela

(TA094CF)

a riação é um ... e o *risco* é ôto ... que o cara chêga e rai riscano

(TA190AM)

ela dá o *risco* ... o traço como se chama né ...o traço da seringüêra

(PC033CM)

... aí eu pelejava ... dava um *risco* pra báxo ... eles aprumava miNa mão ...

(MU159AM)

faiz um *risco*

(AB136CF:06)

TRAÇO

ela dá o risco ... o *traço* como se chama né ...o *traço* da seringüêra

(PC033CM)

Quanto ao campo semântico das palavras relativas à caça, como inovações lingüísticas, podem-se anotar: <<viado>>, que antes era pronunciado apenas como <<veado>>, rifle pronunciado como <<rife>>. Contudo, o que se percebe é que a inovação ainda é pequena no vocabulário lingüístico do seringueiro acreano, são muitas as palavras que se conservam como: caça, cobra, cotia, cutia, cutiara, espingarda, esturrar, onça, onça pintada, onça preta, onça vermelha, paca, porco, quati-puru, que-xada, entre outras.

VEADO

... a gente mais mata é porquim ... às vez veado ... paca ... tatu ... é os bicho que a rente come né ... que a rente sempre mata

(AB145AM:11)

VIADO

é aqueles...tem *viado*...tem porco...tem nambu...tem quatiru...tem todo tipo de enbia-ra...tem jacamim

(FE101AM)

No que se refere às palavras relativas ao comércio da borracha não há diferença em afirmar a pouca inovação existente, percebidas somente em lexias como: conta, custar, juro, lucrar, dinhêro, ponta de venda, redobrar, somar e valer. Sendo o conser-vantismo o maior fator presente, percebido em: centavo, cobrar, consumo, comêrço, dever, freguêis, gastar, mercado, preço, produto, valô, vender entre outras.

Ainda, quanto à variação lingüística, registram-se as palavras <<pescar >>e <<mariscar>>, ambas significando o ato de pescar. O vocábulo <<pescar>> foi usa-do por cinco informantes de Vales diferentes: quatro do Vale do Purus (SM119CM, SM121AF, MU159AM) e outro do Vale do Acre (PC006AF). Enquanto os infor-mantes das Zonas de Tarauacá e Assis Brasil (TA190AM, AB145AM) optaram pela palavra <<mariscar>>, havendo dessa forma, uma diversidade diatópica.

PESCAR

era ... tiNa um lago perto de casa ... quase toda tarde a gente ia *pescá*
(PC006AF)

... e *pescá* também ... ele gostava muito de *pescá*
(SM121AF)

não... no seringal é difiço (por exemplo)... tê assim um lugá que a rente *pes-*
que né
(SM119CM)

a gente tirava uns dois dia ... três ... e ia *pescá* lá ... salgava ... aí viNa comê
em casa

(MU159AM:07)

caçava ... pescava

(AB136CF:13)

Examinou-se, quanto aos utensílios usados pelo seringueiro para o corte da seringa, que houve diversidade lingüística, já que os informantes usam três lexias diferentes para denominar o mesmo significado. Essas três lexias denominam o mesmo objeto utilizado pelo seringueiro no corte da seringa, assim se observam: escada, mutá e pé de burro. Sendo escada utilizada pela Zona de Sena Madiureira, pé de burro utilizada pelas Zonas de Feijó e Tarauacá e mutá utilizada na Zona de Rio Branco.

ESCADA

... aí eles começô a entigelá a estrada ... roçá e ... botá as esta escada ... aí
começô a cortá

(SM121AF)

Mandioca, macaxeira e macaxêra também são exemplos de variações léxicas no que se refere a <<mandioca>> e <<macaxêra>> e ainda a fonética em <<macaxeira>> e <<macaxêra>>, sendo mandioca utilizado por informantes das Zonas de Cruzeiro do Sul e Manuel Urbano, Macaxera utilizado pelas Zonas de Rio Branco e Xapuri e macaxêra utilizado pelas Zonas de Feijó, Plácido de Castro e Rio Branco.

MANDIOCA

a roça é a *madioca* num sabe

(CS108AM)

é ... ia ajudá em casa ... () o roçado ... na mandioca ... ()

(MU151CF)

plantava mandioca ... roça né ... e milho pa dá pas galiNa ... e a cana às vez
nóis plantava ... era assim

(MU159AM)

MACAXERA

... de buscá uNa ração ... o milho ... uNa *macaxera* pum bicho comê ...

(RB018CF)

nóis planta milho ... roça ... macaxera ... malancia ... mamão ... jerimum

(XA167AF)

... agora tem que tê o porco todo tempo né ... e alimentando com macaxera ...

(XA040CM)

só macaxêra mêmô

(RB067AM)

Dos dezoito inquéritos estudados, verificou-se que, dentre as entidades e espíritos da floresta, o <<Caboclinho da Mata>> é o mais conhecido. Em seguida, vem o Mapinguari e, por último, Mãe da Seringueira. É importante ressaltar que a maioria dos informantes não viram essas entidades ou espíritos, apenas ouviram falar.

CABOQUIM

o *Caboquim da Mata* deve sê esse né ...

(FE093CF)

...nesse *Caboquim* que diz que tem né...que diz que é dono das caça num é... que ouvi falá que tem

(FE101AM)

o Caboquim

(XA167AF)

o Caboquim

(TA190AM)

ele disse ... ele acharra que era o ... o Deus da Mata né ... o Caboquim da Mata

...

(SM121AF)

eu ôvi que inxiste mermo o Caboquim da Mata ... e diz que o caba num acreditano ele vem e diz que faiz o cara ficá ... o Caboquim da Mata eu ôvi falá que ele faiz o cara matá muita caça ... aí se num acreditá ele bate no cara também ... mais eu num acredito nisso não ...

(MU159AM)

MAMPINGUARI

...mais eu só ouvi falá nesses...e só nesse da mata mesmo...e desse *Mapinguari*

ri

(FE101AM)

é ... tem o Mapinguari:

(TA094CF)

num Mapinguari

(TA190AM:24)

não ... ele ... eu vejo falá assim né ... desse ... desses Mapinguari né ...

(AB136CF:19)

MÃE DA SERINGUEIRA

meu pai contava que:tiNa essa *Mãe da Seringueira*...que ele viu...viu falá... porque ele também não viu...que diz que era um...um tipo uma velhiNa...toda lataNada...diz que os golpe que a gente dá na seringueira tudo pega nela...

(FE101AM)

já ouvi falá da Mãe da Seringueira

(SM121AF)

a Mãe da Seringueira eu já ôvi falá também que ela inxiste ... mais eu nunca vi não

(MU159AM)

Verificou-se, também, que o seringueiro acreano é muito supersticioso, pois acredita em doenças provocadas pelo mau olhar <<quebrante>> ou por susto <<vento caído>>, por exemplo.

QUEBRANTE

é *quebrante* ... vento caído ...

(FE093CF)

rapai ... ele reza pa todo tipo de doença ... reza pa vento caído ... reza pa ... pa quebrante ... eu só ... num sei explica como é que ela é não

(TA190AM)

o quebrante é conhecido ... o quebrante a criança fica logo com os olho fundo ... começa disintiria ... vômito seco () e se não cuida cortá logo o quebrante vira aquela ôta doença

(PC033CF)

rapaiz lá pa onde eu ... tá agora ... esse pessoal onde eu morava lá tem um rezadô lá ... que cura criança doente do quebrante assim ...

(MU159AM)

VENTO CAÍDO

é quebrante ... *vento caído* ...

(FE093CF)

rapai ... ele reza pa todo tipo de doença ... reza pa vento caído ... reza pa ... pa quebrante ... eu só ... num sei explica como é que ela é não

(TA190AM)

VENTRE CAÍDO

curo mal olhado ... quebrante ... quebrante ... tudo ... ventre caído ... mal olhado ... porque tem o quebrante ... o ventre caído e mal olhado

(PC033CM)

No que se refere aos remédios utilizados pelo seringueiro, verificou-se que a linguagem dessa população, objeto desse estudo, apresenta uma riqueza peculiar, típica da cultura e do trabalho desenvolvido por ela, em meio à floresta, enfrentando a diversidade da natureza social e geográfica da região. Percebe-se, nesses falantes, embora analfabetos, uma sabedoria sobre a vida na floresta, o corte da seringa, remédios e ervas medicinais, os animais, as plantações, as fases da lua, o tempo, modo geral. É um conhecimento profundo sobre a vida e a natureza, aquele universo que circunda a vida interiorana.

No que concerne aos remédios utilizados pelo seringueiro, dentre os dezoito inquéritos analisados, nas três Áreas e Pesquisa, constatou-se que a maioria dos informantes conhecem sobre esses remédios caseiros e os utilizam no seu cotidiano.

Assim, os remédios mais conhecidos e utilizados por eles são: <<chá de laranja>>, <<chá de boldo>>, <<cidrêra>> e <<quina-quina>> como exemplificam os exemplos abaixo:

Todos esses dados encontram-se dispostos em tabelas que podem ser facilmente retirados e compreendidos. Alguns dispostos, também, em cartas léxicas, representados em mapas e trabalhados a partir das planilhas. Infelizmente, considerando a escassez de recursos, nem tudo pode ser publicado, mas aqui se faz uma amostragem significativa capaz de ilustrar tudo quanto se diz e se observa na análise dos dados.

4 - CONCLUSÕES

Compreendeu-se, nessa pesquisa, que o interesse científico pela questão da língua, como conjunto de variedades, só tendeu a crescer a partir do momento em que Gilliéron lançou as bases da Geografia Linguística. Hoje, quando se pensa até na possibilidade de se elaborarem gramáticas poliletais (gramáticas que incorporam mais de uma variedade), vasta bibliografia teórica, inúmeras descrições e análises vinculadas à Dialectologia, à Sociolinguística e à Etnolinguística comprovam a crescente preocupação em caracterizar e explicar diferenças diatópicas, diastráticas e diafáticas, no sentido de melhor se conhecerem os diassistemas e se determinarem os fatores internos e externos que contribuem para a polimorfia de dada língua, no presente estudo, a Língua Portuguesa no Acre.

É possível inferir, pela viagem realizada até então, por meio das leituras, levantamentos lexicais, análise dos dados, que o vocabulário do seringueiro regional, traduz a história da vida desses homens e mulheres, que fazem do trabalho com a seringa uma forma de vida, repassando os hábitos, costumes e tradições, de geração a geração. Além do mais, identificaram-se traços de unidade e diversidade, conservantismo e inovação dialetal nas Zonas de Pesquisa do Vale do Acre, Juruá e Purus, demarcando isoglossas, isoléxicas e isófonas, por meio dos traços dialetais da comunidade.

Observa-se, então, que a mutabilidade da língua se manifesta nas variações regionais da fala que, dentro do arcabouço imutável, apresenta variantes contínuas da fala. São variações que se manifestam no aspecto fônico, morfológico ou sintático e, de modo mais acentuado no lexical e semântico. É a “lei do menor esforço”, ou melhor, a economia linguística provoca as mutações que se processam de modo lento e persistente, criando as variações na linguagem, os regionalismos, os dialetos. Por meio do presente estudo, evidenciado pelos relatos, observa-se o uso de grande número de substantivos, poucos verbos, poucos adjetivos e raros advérbios terminados em *-mente*.

Finalizando, essa parte, diz-se que *tradição* (do latim: *traditio*, *tradere* = entregar; em grego, na acepção religiosa do termo, a expressão é *paradosis παραδοσις*) é a transmissão de *práticas* ou de *valores* espirituais de geração em geração, o conjunto das crenças de um povo, algo que é seguido conservadoramente e com respeito através das gerações.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Manuel. (1963). *La Dialectologia*. Madrid.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (1991). *A Geografia linguística no Brasil*. São Paulo, Ática.

COSERIU, Eugênio.(1988). *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença.

CUNHA, Celso. (1988). *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

FERREIRA, Calota & CARDOSO, Suzana. (2001). *A dialectologia no Brasil*. Coleção repensando a Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto.

LESSA, Luísa Galvão. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre CEDAC*. Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional de Filosofia e Linguística da América Latina: ALFAL. Campinas: 1990.

_____. *Projeto Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Comunicação apresentada na V semana na UFMT. Cuiabá: 1992.

_____. *Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC*. *A Linguagem Falada no Vale do Purus*. Rio de Janeiro:2002 v.I.

_____. *A linguagem falada no vale do Acre – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre. – CEDAC, Rio de Janeiro, 2002.

_____. *A linguagem falada no vale do Juruá – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro, 2002.

_____. *A linguagem falada no vale do Purus – materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro, 2002.